

MULHERES E PROCESSOS CIVILIZADORES: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DA HISTÓRIA DA MISSIONÁRIA E EDUCADORA MARTA WATS

Lilian Sarat de Oliveira

UFGD/FCH

Grupo de Pesquisa Educação e Processos Civilizadores

lilissarat@hotmail.com

***Resumo:** O artigo tem por objetivo refletir sobre o papel da mulher nos espaços públicos, tendo em vista as disputas de poder existentes nas relações de gênero, estabelecidas entre os sexos. O recorte histórico para a pesquisa é o Brasil oitocentista, quando há uma inserção de mulheres estrangeiras que trazem em suas bagagens a vivência das lutas por igualdade de direitos civis nos Estados Unidos e Europa. A personagem principal da pesquisa é a missionária e educadora Martha Watts, que aporta no Rio de Janeiro nos idos de 1881 para abrir escolas especificamente para moças, num contexto de grande invisibilidade da mulher nos espaços escolares, contribuindo assim para tencionar a lógica patriarcal que legava à mulher apenas o espaço casa/quintal. Na perspectiva de longa duração, a educação atrelada à religião desempenhou papel importante na compreensão desta tensão à medida que, abriu espaço para a educação da mulher, inserindo-a no espaço público ainda que como mãe civilizadora, tendo no magistério a extensão do espaço privado, onde o seu papel ainda conforma-se com a lógica patriarcal do cuidado maternal.*

Palavras chaves: Gênero; Educação; Processos Civilizadores

El artículo tiene como objetivo comprender sobre el papel de las mujeres en los espacios públicos, en vista de la disputas de poder que han ocurrido en las relaciones de género que se establecen entre los sexos. El período histórico se trata del siglo XIX Brasil, con la inserción de las mujeres extranjeras que traen su equipaje en la experiencia de la lucha por la igualdad de derechos civiles en los Estados Unidos y Europa. El personaje principal de la investigación es la misionera y educadora Martha Watts, que fue en Río de Janeiro/Brazil en 1881 para iniciar escuelas para niñas, en un contexto de gran invisibilidad de las mujeres en los espacios de la escuela, contribuyendo así a la lógica patriarcal que pretende legado la mujer casa espacio / patio. Desde la perspectiva de larga duración, vinculados a la educación religiosa desempeñó un papel importante en la comprensión de esta tensión, ya que abrió el espacio para la educación de la mujer, su puesta en el espacio público incluso cuando la madre de civilización, teniendo en la enseñanza de la extensión del espacio privado donde su papel es conforme con la lógica patriarcal de la atención materna.

Palabras claves: Género; La educación; La civilización

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as relações de poder existentes nas relações de gênero, a partir das diferenças estabelecidas entre os sexos. O recorte histórico para a pesquisa é o Brasil oitocentista, quando há uma inserção de mulheres estrangeiras que trazem em suas bagagens a vivência de mulheres que nos Estados Unidos e Europa já questionavam a igualdade de direitos civis para todos os indivíduos.

A história da mulher brasileira, como a história de tantas mulheres, é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que, em grande medida foi legitimada pela religião cristã ocidental, que transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais. A mulher do Brasil oitocentista, formada e constituída socialmente nesta ordem, era subordinada e dependente do pai ou do marido, sendo feita propriedade do homem e calada por ele.

O patriarcalismo como sistema simbólico, define práticas e papéis sociais a partir do binômio dominador/dominado. Sobre isso aponta Bourdieu: enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (Bourdieu, 2002: 11).

A definição do papel da mulher como esposa e mãe é perpetuado pela lógica patriarcal que marca as relações dos sujeitos formados na cultura judaica cristã ocidental. Deste modo, o espaço a ser ocupado pela mulher até então era apenas o espaço da casa/quintal, desde cedo era ensinada a ser boa mãe, boa dona de casa, submissa ao marido que exercia todo o poder de decisão sobre sua vida e sobre a família. Esta realidade no Brasil do século XIX foi um desafio para mulheres que já concebiam a possibilidade da

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

liberdade da dominação masculina, através da educação e da religião, dois sistemas que estruturam a sociedade e legitimam papéis sociais, ainda que sejam injustos e desiguais. Neste sentido a religião cristã, presente nos pilares da sociedade de corte tem papel fundamental na legitimação de práticas sociais que delegam aos homens a superioridade em relação à mulher.

O lugar da mulher no espaço social brasileiro no século XIX, como já aludido anteriormente, era determinado pelo patriarcalismo, deixando sua margem de decisão com pouca acessibilidade. Por isso, a educação da mulher acompanhava o movimento da lógica estabelecida, pois a mesma, preconizada por Martha Watts, cumpria um papel de tornar as moças boas mães e boas esposas, formadoras de futuros cidadãos/ãs. Deste modo, denota-se uma atitude de conformação com o papel que lhe era permitido dentro da sua constelação histórica de ação. Entretanto, a possibilidade de uma maior participação no espaço público, através da saída de casa para a escola, apresenta-se como um processo de resistência que se justifica pela profissionalização do magistério, abrindo as portas do mercado de trabalho para aquelas que queriam mais que educar seus próprios filhos, tornando-se então professoras. Como professoras, poderiam gerir o próprio sustento, um passo a mais na emancipação feminina e, conseqüentemente, um modo de resistência à ordem vigente de dependência e subordinação ao homem.

No século XIX, em meio às transformações legadas deste tempo histórico, decorrentes, sobretudo, da industrialização e urbanização presentes na Europa e Estados Unidos, idéias civilizadoras são fomentadas por grupos sociais que idealizavam a educação e a religião como estratégias na relação de poder, para estabelecer um comportamento social individual e coletivamente aceitável. Muitos destes grupos advindos dos Estados Unidos pertenciam ao Metodismo como Miss. Martha Watts, educadora e missionária, que chegou ao Brasil nos anos de 1881, com o objetivo claro e específico de abrir escolas para moças.

A educação, neste contexto, é vista como uma missão, uma vocação religiosa, como no caso da missionária Martha Watts, este ideal de mãe educadora permeava os debates em torno da emancipação feminina no final do XIX e início do XX. A feminização do magistério como uma possibilidade para a emancipação da mulher, traz consigo no processo de conformação, a negação do prazer e do casamento. Se antes a possibilidade de futuro estava no casamento, tendo o homem como provedor e protetor, nesta nova configuração, mulheres que adotavam a profissão de professoras, quase sempre ficavam solteiras. Martha Watts não se casou e apontava a escola como sua família e as alunas como filhas. A relação entre resistência e conformação, pode ser vistas como estratégias de participação da mulher na rede de relações sociais, que embora conflituosa, baseia-se em tensões

II JORNADAS INTERNACIONALES “SOCIEDADES CONTEMPORÁNEAS, SUBJETIVIDAD Y EDUCACIÓN”

9, 10 y 11 de abril de 2014

ISBN 978-987-3617-11-9

entre o estabelecido e o outsider, num movimento quase cego, invisível que só pode ser visto à medida que o tempo de longa duração vai passando e delineando a história da civilidade destas mulheres.

O projeto civilizador engendrado por Martha Watts, com suas conquistas e limites possibilitou o protagonismo feminino em uma sociedade que legava à mulher ao silêncio. Na sala de aula poderiam falar e serem ouvidas, nos corredores, no ir e vir do colégio, era possível fomentar sonhos de uma realidade mais igualitária, mesmo que fosse de forma lenta e quase imperceptível, inconsciente, dentro dos limites impostos pelo espaço histórico existente.

A história da civilização das mulheres passa também pelos ideais iluministas e progressistas presentes no século XIX. A presença da mulher na esfera pública passa ser vista como um avanço na perspectiva de progresso e melhoria da sociedade, a partir do paradigma da evolução. Deste modo, a educação e religião protestante caminham juntas no propósito modernizador da sociedade brasileira postulado por líderes republicanos na época. A história da educação se entrelaça com a história das mulheres no Brasil, quando estas encontram no espaço educacional ressonância para os seus desejos de liberdade e emancipação, ainda que esta venha com aspectos de conformação com o poder instituído.

A mulher que ora, não tinha nenhum acesso à educação, e conseqüentemente aos espaços públicos, agora encontra as portas abertas pela educação e religião, para transitar, ainda que com restrições, neste espaço. Assim, as mulheres estrangeiras e protestantes, outsider na sociedade brasileira, tencionam a lógica patriarcal, juntamente com tantas outras na busca da afirmação pessoal e apropriação do espaço historicamente negado. Entretanto, toda e qualquer mudança no *habitus* social, se dá na perspectiva de longa duração preconizada por Norbert Elias, quando o mesmo, concebe a história de forma processual e lenta, um processo não planejado conscientemente pelos indivíduos, mas vivenciado, à medida que se estabelecem rede de relações sociais, que se caracterizam pela manutenção do poder de um grupo sobre o outro.

Neste sentido, o sistema patriarcal legitimado ao longo da história pela religião cristã, é responsável em grande medida, pelas práticas sociais que naturalizaram o papel da mulher restrito ao espaço da casa/quintal, favorecendo o exercício do poder pelo masculino em detrimento do feminino. A perspectiva de longa duração nos ajuda então, a entender que, a mudança na estrutura social acontece de forma lenta, sendo possível dentro de condições históricas aceitáveis. A abertura de colégios para educação de moças, vai possibilitar um lugar de profissionalização da mulher, onde ela encontra na escola uma maneira de atuar fora do espaço privado, promovendo a elasticidade do processo de articulação do poder. Assim, a educação escolar que era antes uma prerrogativa masculina é suprimida ocorrendo a feminização do magistério. Tal

feminização poderá ser vista como um dado importante para fomentar as discussões em torno do papel social da mulher na história.

O acesso de meninas às escolas vai ser protagonizado por mulheres que viveram as ambigüidades da existência social, ora conformando-se, ora resistindo na relação de interdependência com os vários outros que compõem a teia de relações sociais. Sobre isso nos aponta Norbert Elias: “Justamente o que caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age” (ELIAS, 1994, p.24)

Quase dois séculos depois, apesar de todas as conquistas femininas, há muito ainda o que aprender, entretanto na perspectiva da longa duração podemos apontar no final do século XIX, com o advento da educação para meninas, um gênesis da emancipação da mulher através da educação, mesmo que tal processo traga em seu bojo a complexidade da dialética entre resistência e conformação. Resistência porque sair do espaço privado para o acesso a escola não aconteceu sem conflitos e pressões; conformação porque ainda na escola se reforçava o papel da vida doméstica e limitava a educação da mulher ao papel de boa mãe e boa esposa, educadora de seus próprios filhos.

Sabe-se que tal lógica ainda permeia o imaginário social, tanto de mulheres quanto de homens. Entretanto o processo engendrado por tantas mulheres do passado, na busca pela emancipação e independência, continua sendo fomentado lentamente

Assim, a vinda de mulheres como Martha Watts, contribuirá para mover o processo histórico e transformar hábitos mentais demasiadamente arraigados na consciência individual e coletiva, à medida que, esta educadora, agindo e (re) agindo na relação de interdependência como ser social, contribuiu para ampliar ou afrouxar o habitus. A educação civilizadora da mulher é um caminho que se abre para que a mesma possa transitar por espaços privados e públicos, porém ainda com muitos limites.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2a. ed.. Rio de Janeiro: L T C Editora. 1981
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003
- ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, N. O Processo civilizador: formação do estado e civilização. Trad. Ruy Jungmann.
Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- ELIAS, N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. 2. ed.
Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.
Petrópolis, Vozes, 1997.
- MESQUITA, Zuleika (org.). Evangelizar e Civilizar: Cartas de Martha Watts, 1881-1908
(versão bilíngüe). Piracicaba: Editora Unimep, 2001.
- PILLETTI, N. História da Educação no Brasil. São Paulo: Ática, 1994.
- PRIORE, Mary Del (org.). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.
- ROMANELLI, O.O. História da educação no Brasil. São Paulo: Vozes, 1998